

## MEMÓRIAS DE UM ESPAÇO CRIADO: NARRATIVAS DE MORADORES DO TITÃZINHO<sup>1</sup>

Sandra Farias Maia Vasconcelos<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo teve como objetivos construir pelo relato oral e pelo discurso histórico pessoal a representação da paisagem discursiva nas narrativas de moradores do Titãzinho. Para tanto, foi necessário compreender inicialmente a dinâmica que deu origem a esse novo espaço de moradia, para em seguida analisar a formação do discurso histórico pessoal e coletivo dos moradores de um bairro e como esse conjunto de narrativas se torna um discurso coletivo. A proposta visou também à elaboração de um conjunto de oficinas de relatos orais que têm como meta promover a identidade local e o sentimento de pertencimento dos moradores pelo uso da história oral. O número de participantes foi determinado em função da população local e do número de pessoas que puderam contribuir com suas narrativas para o melhor andamento do trabalho. Foram consideradas narrativas diretas ou indiretas, ou seja, de pessoas que viveram a mudança de local de moradia ou pessoas da família que conhecem a história contada pelos pais ou pelos mais velhos do bairro. Foram atendidas nas oficinas em torno de 200 pessoas, com prioridade aos mais antigos moradores, tendo em vista que a ocupação se deu dentro do continente para fora, na direção da faixa de praia que foi aumentada pelo transporte de areia das dunas, fenômeno explicado pela geografia física. Espera-se, com a continuação do projeto, conseguir montar um documento de referência, a partir das narrativas dos moradores, que sirva de fonte à sociedade com informações sobre a história do local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa; Memórias; Discurso.

### ABSTRACT

This extension project aimed to build the oral report and the historical discourse personal representation of landscape discursive narratives of residents Titãzinho. Therefore, it was necessary to first understand the dynamics that gave rise to this new living space, then to analyze the formation of personal and collective historical discourse of the residents of a neighborhood and how this set of narratives becomes a collective discourse. The proposal also aimed at developing a set of workshops oral

---

<sup>1</sup> Construção da paisagem discursiva.

<sup>2</sup> Graduação em Letras Português-Francês, doutora em Ciências da Educação, com área de pesquisa em Histórias de Vida, Análise do Discurso. Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará.

reports that aim to promote local identity and sense of belonging of the residents by the use of oral history. The number of participants was determined according to the local population and the number of people who could contribute their narratives to better work progress. Narratives were considered direct or indirect, that is, people who lived through the change of place of residence or family members who know the story told by parents or older neighborhood. Were met in workshops around 200 people, with priority to older residents, given that the occupation came from within the continent out toward the strip of beach that was increased by the transport of sand dunes, a phenomenon explained by physical geography. It is expected, with the continuation of the project, able to mount a reference document from the narratives of residents to serve as a source to the society with information about the history of the site.

**KEYWORDS:** Narrative; Memory; Discourse.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, as cidades vão modificando seus desenhos graças à ação constante do homem sobre a natureza. No caso específico do Titãzinho, bairro do Mucuripe, em Fortaleza-Ce, a construção do Porto do Mucuripe e seus molhes de proteção fizeram acumularem-se sedimentos a oeste do porto, na linha de praia da Praia do Futuro, criando uma área de mais de 500 metros de largura. Esse crescimento promoveu uma ocupação desordenada de pessoas que foram deslocadas de seu ambiente domiciliar anterior pelas obras do porto, bem como a ocupação por pessoas advindas de toda parte do interior do estado, que vieram se instalar, construindo casas e ruas.

Muitos autores – Girão (1976), Espíndola (1978), Jucá (1993), Dantas (2002), Vasconcelos (2005) e Rebouças (2010) – trataram sobre a ocupação do ponto de vista da Geografia e da História. Faltou-lhes, entretanto, procurar saber junto aos moradores que visão eles têm sobre esse processo de assoreamento do Titã e sua consequente ocupação humana. A questão aqui levantada foi se o discurso oral é um testemunho da identidade cultural das cidades e das pessoas da comunidade. O discurso dessas pessoas pode ser um terraço criador de grande relevância para a compreensão de inúmeros processos de ocupação desordenada de espaços de vida, ao mesmo tempo em que reafirma a história oral como processo de compreensão da formação discursiva de uma geração, que aqui denominamos paisagem discursiva.

Nesse raciocínio, este estudo teve como objetivo central construir pelo relato oral e pelo discurso histórico pessoal a representação da paisagem discursiva nas narrativas de moradores do Titãzinho. Para que alcançássemos esse objetivo nuclear,

seguimos os passos que nos levaram antes a alcançar os objetivos específicos a seguir discriminados:

- Compreender a formação do discurso histórico pessoal e coletivo dos moradores;
- Operar trocas de informações com os moradores do Titãzinho;
- Propor oficinas de história oral a fim de promover o pertencimento dos moradores;
- Criar um documento de história oral transcrito;
- Disponibilizar a sociedade informações sobre a história do local;
- Propor um documento de referência a partir das narrativas dos moradores.

Nosso estudo e intervenção teve o apoio de um bolsista de extensão da UFC e de dois voluntários do curso de graduação em Letras. Também contamos com a colaboração e assessoria técnica dos professores Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos (UECE) e Me. Roberto Bruno Moreira Rebouças (COGERH).

## **2. METODOLOGIA**

Nenhum estudo se faz sem um rigor metodológico que responda aos objetivos propostos, logo, para que pudéssemos atender aos nossos objetivos, iniciamos nosso estudo por fazer um levantamento documental o mais exaustivo possível acerca do tema e da história do bairro. Pelas leituras encontradas, vimos que os primeiros projetos de instalação de um porto em Fortaleza datam do início do século XIX. Mas a ideia de porto no Ceará é bem mais antiga. Segundo o historiador Raimundo Girão (1976), a costa cearense já havia sido tocada pelos descobridores nos séculos XV e XVI, pioneiramente por Vicente Pinzón. Segundo Girão, citando Rodolpho Teóphilo ([1903], 1974), teria sido Mathias Beck a escolher a enseada do Mucuripe como local ideal para ancoragem de seus navios em lugar da Barra do Ceará, preferida por Soares Moreno. Girão acrescenta: “abrir-se-ia com isto o interminável duelo de opiniões sobre se o cais da Capital seria em frente ao Forte de Shoonenborch – atual Forte de Nossa Senhora da Assunção – ou no promontório mucuripano” (GIRÃO, 1976; p.8).

Em 1859, segundo Espíndola (1978), o técnico portuário francês Pierre Berthot

Entregou ao Governo um memorial com desenho do porto de Fortaleza [...]. Era proposta a construção de um cais; e, para impedir o assoreamento, propunha também uma muralha, no lugar Meireles, e a fixação de dunas (Espíndola, 1978; p.14).

Muitos foram os projetos de construção do porto até a sugestão do engenheiro Zózimo Bráulio Barroso, em 1869, de que o porto fosse transferido para o Mucuripe, com ligação com a capital por meio de estrada de ferro. As oposições foram intensas, sobretudo do comércio. Outra importante contribuição, segundo Espíndola (idem) e Barroso (1962) foi a do engenheiro John Hawkshaw, em 1883. Para Hawkshaw o porto deveria ser em Fortaleza, em benefício do comércio. O engenheiro argumentava que

O antigo molhe deve ser removido a fim de permitir a passagem às areias e não convirá construir molhes perpendicularmente ao litoral [...]. Recomendando um viaduto aberto no começo do quebra-mar, para facilitar a passagem das areias; é provável, porém, que, apesar disso, formem-se depósitos no ancoradouro; e, nesse caso, dragagens regulares e periódicas darão ao porto a necessária profundidade (ESPÍNDOLA, 1978; p.15).

O projeto foi a termo com a construção da Ponte Metálica, inaugurada em 1906. Demais projetos foram apresentados até a década de 1920 quando tiveram início as obras do Porto, defronte ao prédio da Alfândega, na cidade de Fortaleza, como então era descrito. Em 1929, um projeto do engenheiro Augusto Hor Meyll concluiu que o melhor lugar para instalação do porto seria indiscutivelmente a enseada do Mucuripe. As obras foram assim concluídas e entregues no dia 9 de abril de 1965, quando se criou a Companhia Docas do Ceará. O porto do Mucuripe passava assim a integrar a área de atribuições do Governo Federal, por seu Ministério dos Transportes.

A conclusão do porto, ao mesmo tempo em que trouxe, como afirmou Girão, uma “Solução ótima para um problema difícil”, trouxe também outros problemas. De certo que os efeitos da construção do Porto do Mucuripe não seriam sentidos nem seriam motivos de crítica se não tivéssemos outra forma de ocupação além do Porto. Mas devemos lembrar que, mesmo quando o Mucuripe ainda era distante uma légua do núcleo urbano, já era uma vila de pescadores. A ocupação da ponta do Mucuripe não se dá somente com a chegada do porto, ela remete ao século XIX, no entorno do farol velho. Numa cidade de costas para o mar com equipamentos urbanos apenas voltados para as populações mais abastadas, era de se esperar, como afirma Dantas (2002), que a ocupação da zona costeira fosse induzida por

[...] importante contingente de emigrantes pobres do sertão. Eles estabelecem-se nos terrenos de marinha, área anteriormente ocupada pelas comunidades de pescadores, denotando crescimento dos efetivos demográficos, marcado por estado de saturação cujo testemunho, após final do século XIX, são as favelas [...] (DANTAS, 2002, p.39-40).

Com a expansão urbana alavancada pelo porto, os pescadores moradores da Rua da Frente – hoje Av. Beira-Mar (Girão, 1959) foram removidos para o entorno do Serviluz. Muitos desses também foram morar na Praia Mansa, recém-formada pelo assoreamento.

Segundo estudos realizados por Girão (idem), as primeiras instalações residenciais no atual bairro Serviluz datam do período compreendido entre os anos de 1940 e início da década de 1950. Segundo Jucá (2000), entretanto, existe indícios de que as primeiras ocupações no Serviluz sejam até mesmo da década de 1930, vez que a área era de colônia de pescadores. É consensual, ainda, entre historiadores e também entre moradores antigos do lugar, a informação de que as primeiras ocupações na região do Serviluz tenham sido formadas essencialmente por pescadores e imigrantes procedentes do interior do Estado, resultado do êxodo rural. Dessa ocupação, houve um aumento populacional de pescadores que residiam na Rua da Frente, que foram removidos dali em função da construção da Avenida Presidente Kennedy, atual Avenida Beira-mar (ARAÚJO, 2007).

Segundo a contagem do censo IBGE (IBGE, 2000), a população estimada do Serviluz é de 20.000 habitantes, distribuídos entre dois bairros – Cais do Porto e Vicente Pinzón. Vale ressaltar que apenas uma quadra do Serviluz está inserida no bairro Vicente Pinzón de acordo com a cartografia da PMF.

Com esse breve conhecimento em mãos, partimos para a pesquisa de campo. Não foi possível em nosso estudo, no entanto, obter dados, sobretudo sobre a população que reside na área, vez que os dados não tinham como ser calculados por aproximação. A demarcação descrita pelos moradores com respeito a ruas e avenidas que delimitam a comunidade do Serviluz, por meio da memória, foi essencialmente nosso artifício para conhecer o local. Desse modo, elaboramos um roteiro de entrevistas semiabertas mais para atuação junto à comunidade do Titãzinho, do que para a busca de respostas exatas. Também fizemos um perfil dos moradores, no que tange a gênero, idade, nível de escolaridade. Temos de relatar aqui que em alguns momentos fomos expostos a riscos, quando alguns moradores chegaram a nos atacar e nos assaltar.

Outros trabalhos foram realizados dentro mesmo das paredes da universidade, tais como planejamento das oficinas e treinamento dos estudantes que iriam aplicar as

entrevistas e mesmo os minicursos sobre a história do lugar. Também foi feita na universidade a transcrição das informações coletadas em registro digital e analisadas as construções discursivas que delimitaram a paisagem discursiva construída pelos moradores. Este estudo rendeu um relatório para a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará, um resumo nos Encontros Universitários, também da UFC e um artigo para a Revista Scientia Plena (junho, 2013).

As atividades foram divididas em cinco momentos ao longo dos anos de 2010-2011. No primeiro momento - março e abril (2010): Planejamento das entrevistas e levantamento bibliopictográfico sobre a região nos últimos 50 anos – para esta fase contamos com a ajuda do Mestrado em Geografia da UECE. No segundo momento, entre maio e outubro de 2010, fizemos contato com as 4 associações de moradores da comunidade do Titãzinho e fizemos a aplicação das primeiras entrevistas: nesta fase, o trabalho de campo permitiu fazer levantamento do perfil da população e o planejamento das oficinas a serem ofertadas no primeiro semestre de 2011. No terceiro momento, entre novembro e dezembro, os alunos engajados no projeto participaram do treinamento em História de Vida oferecido pelo Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico – GELDA. Em todas as etapas foram feitas as agendas para a etapa seguinte.

As oficinas tiveram início em março de 2011, quando os alunos retornaram ao projeto após o recesso da universidade. Marca-se então o quarto momento da pesquisa e da aplicação do projeto extensionista. As oficinas aconteceram entre os meses de março, abril, maio e junho, tendo como núcleo temático oferta das atividades de conversa e relato oral: Nesta fase, os moradores, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram convidados a visualizar as imagens coletadas no levantamento bibliopictográfico previamente realizado pelos alunos, e a contar o que conhecem sobre a história do local onde vivem, descrevendo suas memórias, sob forma de relato oral. Todos os relatos foram gravados e transcritos nessa fase do trabalho. O quinto momento e último semestre dedicado ao projeto – julho a dezembro de 2011, fizemos a organização dos relatos, análise das paisagens discursivas construídas pelos falantes, o levantamento de recorrências, a construção do relato e escrita do relatório final, atendendo ao objetivo de elaborar um documento de referência que contenha dados geográficos, históricos e linguísticos da comunidade do Titã. Este trabalho também colaborou na dissertação de mestrado de Rebouças (2010).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A grande dificuldade que se encontra no momento de analisarem dados subjetivos, em especial entrevistas e relatos abertos, é o que Minayo (2007) chama de “ilusão de transparência”. Isso se explica pelo fato de que as falas gravadas em campo e transcritas em laboratório são na verdade os dados brutos que ainda serão transformados em resultados de pesquisa, por meio de procedimentos específicos a cada categoria de análise. A ilusão de transparência por parte do pesquisador acontece muito frequentemente em função da impressão de verdade que se estabelece na fala espontânea dos sujeitos entrevistados. É preciso, no entanto, buscar informações históricas e atrelá-las ao conhecimento popular a fim de organizar um panorama dos acontecimentos.

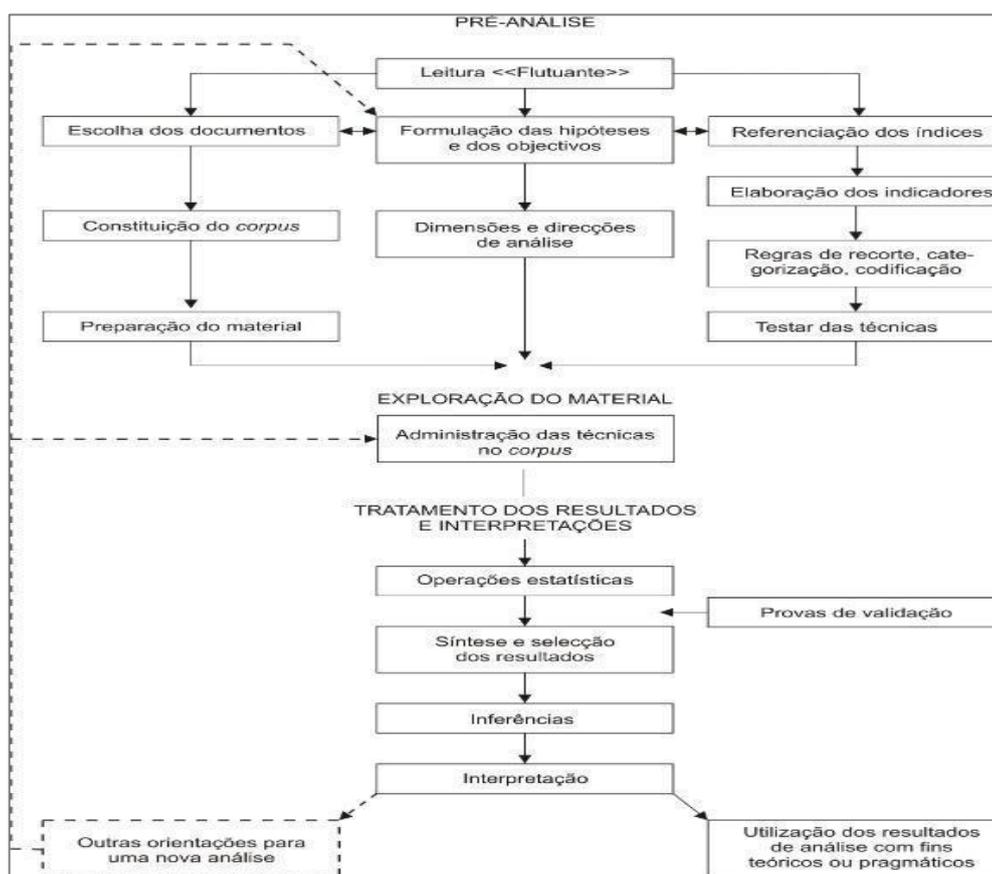
As informações contidas na seção 1.2 são fundamentadas em estudos históricos, por meio de documentos institucionais de valia científica. Os depoimentos aqui apresentados são as histórias das pessoas tais como foram vivenciadas pelos moradores locais. Tomaremos como base o depoimento de um morador que nos conta a história do lugar:

Nossa... é uma história muito da longa. Quando vim morar aqui estavam construindo o porto. Era uma bagunça de caminhões indo e vindo cheio de pedras pra construir aquele segundo paredão de pedras. Fumos morar lá na Praia Mansa, a gente morava ali sabia? Era, tinha muitas casinhas. Antes do porto acabar totalmente a sua construção. Então essa área aqui começou porque o Titã Velho (Praia Mansa) foi invadido pelas águas, e o governo com medo, a Capitania com medo de o pessoal anoitecerem vivo e num amanhecerem que o mar tava crescendo muito, tomando os paredão... pra gente atravessar nas marés grandes era um sufoco. A gente ia enxuto e voltava molhado porque o banho era certo. Maior perigo! Então, aí eles butaram o pessoal pra essa área, e foi se localizando, aumentando e duma família trazendo outra e assim sucessivamente... daí a Docas planeou o terreno, loteou para cada família 12 metros de comprimento por 6 de frente. Esses 6 metros de frente nós fazia as casas de 5 metros de casa e ficava meio metro de cada casa, pra num ficarem conjugadas... eles doaram vara, que não era de tijolo, barro, as madeiras e as telhas para cada morador (E1)

Para o tratamento das entrevistas, utilizamos a técnica da análise temática ou categorial apresentada por Bardin (1997), segundo a qual, o processo de desmembramento do texto em unidades torna possível ao pesquisador descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar

o seu reagrupamento em classes ou categorias.

As entrevistas realizadas junto aos moradores do local em estudo foram transcritas tais como foram gravadas, sem utilização de nenhuma técnica específica, sem considerar desvios gramaticais, privilegiando a mensagem do sujeito. Depois de transcritas, as respostas ao questionário foram submetidas ao processo descrito abaixo pelo diagrama da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1997; p. 102), assim divididos em pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados e interpretações.



**Figura 1 - Análise de conteúdo.**  
**Fonte:** Bardin, 1997 p. 102

Inicialmente, após a transcrição das 10 entrevistas, e seguindo o esquema proposto por Bardin, realizamos uma leitura flutuante das respostas apresentadas pelos moradores, de maneira a ter uma visão geral dos discursos proferidos e levando em conta, sobretudo, a vivência dessas pessoas no bairro em questão, suas experiências e o conhecimento que trazem acerca da história do lugar. As respostas foram selecionadas segundo atendessem especificamente ao assunto que concernia diretamente ao tema

desse estudo e em seguida tabulados os recortes para categorização e codificação seguindo a metodologia proposta. Vale ressaltar que não houve grandes divergências entre as respostas dadas às questões fechadas e a entrevista semi-estruturada realizada a seguir.

A passagem do texto bruto ao resultado de pesquisa permite destacar informações que ilustrem ou pelo menos ajudem a revelar os fenômenos investigados. Não houve, entretanto, modificações de grande relevância nas entrevistas transcritas. O material de análise foi então selecionado a partir do comparativo entre respostas recorrentes e de respostas inéditas prestadas pelos moradores nos dois momentos de encontro que pudemos realizar com os grupos determinados. Organizamos para a exploração dos dados advindos das entrevistas duas linhas de categorias específicas, segundo as respostas dadas: a categoria tempo e a categoria evento.

No panorama da categoria tempo, dispusemos os relatos segundo o tempo de moradia dos informantes no Serviluz. No panorama da categoria evento, os relatos foram dispostos de maneira a demonstrar a noção de responsabilidade individual, qual seja, o sujeito morador como responsável por sua moradia e pelas condições que envolvem segurança – relativas às queixas acerca da violência urbana –, salubridade – no que tange às condições de saneamento, saúde – o que envolve ao mesmo tempo o deslocamento das areias pelos ventos e a carência de atendimento médico que supra as demandas da comunidade – e, por fim, o que os moradores classificaram como descaso do poder público em relação à comunidade.

O tempo de moradia é pertinente, uma vez que constitui testemunho real e atualizado sobre a evolução da ocupação da área, bem como sobre o processo de progradação da praia, a que os moradores chamam de “crescimento da praia”. Em complementação, a categoria evento é pertinente por fazer aparecerem nas falas dos moradores as provas dos problemas e suas queixas relativas às condições de moradia: causas e consequências dos problemas, assim como os responsáveis e as possíveis soluções, segundo a população de nosso estudo.

Em consonância com nossos pressupostos apresentados no início desse estudo, foi possível perceber, *a priori*, um distanciamento entre a gravidade do problema de progradação e caminhamento das areias que apontamos e as falas dos entrevistados. O avanço das areias se mostra como apenas “só mais um dos problemas” existentes no local, sendo o mais grave o da violência. Vemos, entretanto, que os problemas acarretados por esse fenômeno são sempre presentes nas falas, embora os moradores não deem ao fato a relevância que esperávamos.

A fim de dar relevância aos problemas que interessam ao nosso estudo, tomamos do questionário inicial seis questões enfocando o tema. Enfocamos também, de maneira meramente ilustrativa, haja vista que o interesse da análise de conteúdo aqui abordada se perfaz sem o estudo estatístico das entrevistas, o percentual de respostas recorrentes. As provas de validação foram efetuadas com as entrevistas juntos aos líderes comunitários, vez que são eles os primeiros a ouvirem os moradores e que têm muitas vezes as mesmas queixas, já que também são moradores.

O interesse em compreender as diversas opiniões dos moradores e em seguida cruzá-las com as opiniões dos seus representantes se justifica pela natureza descritiva dessa fase do trabalho, vez que é preciso ver se a voz da comunidade está sendo representada pelos líderes. Essa confirmação sendo feita nos permite fazer inferências sobre a iniciativa da comunidade quando de um plano de gestão integrada. Por essa razão deixaremos de lado respostas extremas, tais como “não tem nada de bom aqui (E9)” e “aqui é o melhor lugar do mundo (E7)”, haja vista serem manifestações demasiadamente emotivas e frequentemente contraditas na continuação da entrevista desses informantes.

Em relação aos questionários cujas respostas apresentaremos abaixo, é importante levar em conta que se trata de uma amostragem validada também por estudos comparativos com as entrevistas levantadas por outros autores (ARAÚJO, 2007; CEARAH, 2002). Vale ressaltar que os percentuais aqui mostrados não são exatos, uma vez que as respostas muitas vezes englobaram duas classes de queixas.

Veremos na sequência, as respostas dos 54 entrevistados compiladas nas categorias previstas e classificadas acima, a partir do seguinte grupo de perguntas extraídas das 21 questões do questionário inicial:

1. Há quanto tempo mora no local?
2. Como considera a moradia?
3. Quais os problemas enfrentados?
4. Quais as causas desses problemas?
5. Quem são os responsáveis pelos problemas?
6. Quem deve resolver os problemas?

Para a análise das informações coletadas, podemos ver no quadro abaixo a disposição das categorias:

CATEGORIAS	INFORMAÇÕES		
TEMPO	Número de pessoas	Tempo de moradia	Chegada ao local (data informada)
	10	> 50 anos	Década de 1950
	14	> 30 anos	Década de 1970
	4	> 20 anos	Década de 1980
	8	> 10 anos	Década de 1990
	18	< 10 anos	Década de 2000
Evento	Queixas dos Moradores		
	“Avanço das areias”		48%
	“Esgoto e areias”		
	“Descaso do poder público”		
	“Falta de saneamento básico”		
	“Lixo”		
	“Doenças que a areia pode causar”		
	“Poluição”		
	“Areia, lixo, poluição da água parada”		
	“vento e buraco no asfalto”		22%
	“alagamento”		
		“Brigas de gangues”	
	“Violência, maresia e areia”		
	“Violência crescente”		
	“Brigas de gangues e avanço de areia”		
	“Nada de bom aqui”		2%
	“Aqui é o melhor lugar do mundo”		2%
	Não Responderam		40%
	Responsáveis pelos problemas		
	“Governo”		4%
	“Prefeitura”		46%
	“Governo e Prefeita”		11%
	“Os membros das associações”		4%
	“não é culpa de ninguém. É a natureza”		7%
	“Os moradores que não denunciam”		11%
	“Carro do lixo”		4%
	Não sabem		4%
	Não responderam		9%
	Soluções previstas pelos moradores e quem deve resolver		
	“Prefeitura”		48%
	“Governo”		4%
	“Só Deus”		4%
	“A sociedade mesmo”		11%
	Não responderam		22%
	Outro		11%

**Quadro 1 - Informações coletadas de acordo com as categorias.**  
**Fonte:** Sandra Farias Maia

Parece indiscutível a correlação sistemática estabelecida pelos moradores entre a não realização de obras de saneamento básico, a não retirada das areias e a ausência de projetos de segurança local. Um morador nos conta que

[...] uma vez e outra eles tiram um pouco das areias com uns tratores aí. Mas eles só fazem isso quando tem casas que estão bem pertinho de serem engolidas pelas areias. É um inferno esses meses que não chove. A areia é muito fina, entra pelas telhas e invade as nossas casas (E10).

Podemos ver no quadro de respostas, com frequência, queixas cruzadas entre esses três temas aliadas a uma forte descrença no poder público, como já dizem, vemos pelo quadro que apenas duas pessoas afirmaram não haver “nada de bom aqui” em resposta à questão “Como considera a moradia?”. Esses mesmos moradores afirmaram, entretanto, que “às vezes é boa”, e suas queixas se voltaram, sobretudo, para as brigas das gangues e o avanço das areias. Um morador nos confessa que

Mas aqui o que mais nos incomoda são as areias. Nessa época do ano (de agosto a dezembro) é que ela nos tira o sono. A gente não consegue comer direito, a comida desce com areia e tudo. Pra comer nós temos que ir para debaixo da mesa (rindo), não é brincadeira não. Você tem que ver isso, pode até tirar foto (E8).

Em se tratando das soluções, os moradores visualizam que a responsabilidade é aliada à “culpa” pelos problemas. A Prefeitura foi a mais citada quando perguntamos sobre os itens “responsabilidade e soluções”, embora a descrença no poder público venha a reboque desta responsabilização e sob a égide do descaso com a sociedade.

Araújo (2007) encontrou respostas muito aproximadas das nossas. Em seu estudo sobre a memória dos pescadores acerca da modificação da paisagem da Beira Mar de Fortaleza, a autora entrevistou 8 pescadores que foram remanejados da Rua da Frente, nos anos 1960, para as obras do calçamento da atual Beira Mar, dos quais 4 se instalaram no Serviluz. Esses moradores ratificaram as dificuldades enfrentadas decorrentes do avanço das areias e relatadas por nossos informantes.

Permanece, porém, um aspecto divergente no que concerne à realização ou não de obras de urbanização no local. Os moradores relataram sobre o crescimento da praia, como vemos no relato abaixo:

A minha casa... a gente abria o quintal lá... o portão de casa e via o mar. Depois o bairro foi aumentando, aumentando e as casas aumentando também e hoje em dia o Serviluz tá do jeito que tá (E5).

É curioso notar que, além da precariedade das condições de habitação, a comunidade local não dispõe de documentação referente às suas residências, haja vista a ocupação ter sido fruto de ocupações aleatórias constantes ao longo do tempo. Não constou nas respostas às entrevistas, em nenhum momento, a questão fundiária. Não nos pareceu que a população tivesse esse tipo de inquietude relativa à sua moradia, vez que, apesar de esperarem, mesmo dos céus, a solução aos problemas gerais, esses moradores

detêm suas preocupações em torno de problemas imediatos, como a falta de segurança, devida à crescente violência, o avanço das areias e o grave problema do lixo, conforme relata o morador E4.

Ruim daqui é só a marginalidade... a galera... avacalha o lugar. Fica fazendo confusão por besteira...Tem as brigas com outras gangues por causa de droga. Tem ai as associações que dão curso eles podendo procurar isso, não...Querem mesmo é viver aí nas drogas.

Apenas dois moradores relacionaram as areias a questões de adoecimento, o que nos leva a crer que não há, por parte da população, vislumbre da relação entre avanço das areias e perigo. O mesmo não se pode dizer da relação entre lixo e saúde. Os moradores estabelecem estreita relação entre “lixo”, “água parada” e doenças diversas que possam ser causadas por esses elementos, mas, como pode ser visto na Figura 1, o lixo continua sendo colocado em locais inadequados, como as vias públicas e na própria a praia.



**Figura 2 - Lixo na praia.**

**Fonte :** Acervo do Autor.

Vale ressaltar ainda que 30% dos moradores desconhecem as causas dos problemas que enfrentam no dia-a-dia, tais como o que chamam de “avanço” ou “invasão das areias”.

Um dos entrevistados (E3) relatou a experiência de ter de sair de casa pelo telhado, quando, numa manhã, não conseguiu abrir sua porta. Esse entrevistado, morador há 50 anos, conta que viu a “praia crescer” e afirma que a doação das areias foi uma boa iniciativa da Prefeitura para mitigar o problema da invasão das dunas nas casas.

## 4. CONCLUSÕES

Não há receita mágica que venha de fora para solucionar problemas internos; as soluções devem, antes, vir mesmo de dentro, de onde nasce o problema, ainda que precise contar com ajudas externas importantes. Assim como reza o guia GIZC, o conhecimento da base auxilia na compreensão dos problemas a serem administrados pelo topo. O avanço das areias, o maior vilão nas queixas dos moradores, após a violência local, é de fato o natural caminhar das dunas, e não seria o problema que é, se não existisse a instalação da comunidade. Há uma inversão dos acontecimentos, que não cabe aqui ser discutido, vez que o problema já está consolidado e não há, salvo com uma intervenção drástica, formas de resolvê-lo definitivamente. O evento progradação se constitui na realidade cotidiana dessa população e constrói com ela a história da praia e dos moradores.

O nosso cuidado em deixar o entrevistado sempre em seu espaço de convívio e moradia, como já foi explicitado na sessão dedicada à metodologia, teve o objetivo de promover uma situação mais natural de conversa com os moradores, vez que o inconveniente de uma entrevista é inevitável e a presença de um entrevistador tende a provocar desconforto ao informante. Tomamos o cuidado também em deixar claro ao morador entrevistado que nosso trabalho não visava a uma mudança social ao bairro nem a denúncias sobre as condições de moradia, mas que poderia vir a ser um instrumento de revelação de problemas com bases científicas, com vistas a projetos de urbanização e melhoria da área, a ser apresentado aos órgãos competentes.

Como citamos acima, a categoria tempo nos serviu para compreensão do acompanhamento da população ao processo progradativo da praia do Serviluz ao longo dos últimos 50 anos, vez que o testemunho das pessoas traz consigo a realidade cotidiana, muito valiosa para o cumprimento de uma gestão integrada.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rachel Garcia Bastos de. **O turismo e a transformação da paisagem da Beira Mar de Fortaleza**: uma descrição memória dos pescadores locais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Universidade Estadual do Ceará, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARROSO, Gustavo. **À margem da História do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

CEARAH Periferia. **Vivências, lutas e memórias**: histórias de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002. 112 p.: II

ESPÍNDOLA, Itamar. **O Porto de Fortaleza**. Fortaleza, 1978.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

GIRÃO, Raimundo. **Porto do Mucuripe**: solução ótima para um problema difícil. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1976.

IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Coordenação. **Censo Demográfico 2000**. Características gerais da população: resultados da amostra. Número 11. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e Reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

MAIA VASCONCELOS, Sandra F., REBOUCAS, R. B. M., VASCONCELOS, Fabio Perdigao. O ordenamento urbano da Praia do Titãzinho na voz de seus moradores. **Scientia Plena**. , v.9, p.065401-1 - 065401-15, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2007.

REBOUCAS, Roberto Bruno Moreira. A influência portuária no modelado e reconfiguração da orla: o caso do Porto do Mucuripe e Praia do Serviluz (Fortaleza, Ceará, Brasil). Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciência e Tecnologia, 2010. 132 p.

TEÓFILO, Rodolfo. **O Paroara**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, [1903], 1974.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **Gestão Integrada da Zona Costeira**: Ocupação antrópica desordenada, erosão, assoreamento e poluição ambiental do litoral. Editora: Premius, Fortaleza, 2005.